HORIZONTE
ISSN 2175-5841
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Resenha

DOI – *10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p433-436*

LEMOS, Fernanda. **Pentecostalismos em movimento:** o (não) lugar religioso na modernidade. Curitiba: Prismas, 2017. 166 p. ISBN 978-85-5507-721-0

Claudia Danielle Andrade Ritz [*]

Na obra *Pentecostalismos em movimento. O (não) lugar religioso na modernidade*, a autora Dra. Fernanda Lemos[1] apresenta o movimento ocorrido em um trem de São Paulo, que um grupo de trabalhadores estabeleceu como local de culto. Desde os anos 80, o 4º vagão do trem da CTPM seria designado como "vagão dos crentes" e o nome do movimento "Cruzada Evangélica Interdenominacional nos Trens das Boas Novas - CEI" foi publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 20/12/1990. Esse movimento social de característica religiosa é composto por homens e mulheres de diversas confissões evangélicas de característica pentecostal, principalmente Assembleia de Deus, Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Batista Renovada, dentre outras. A autora considera que esse movimento demonstra as novas possibilidades de criação de espaços ditos sagrados na pós-modernidade e sintetiza asseverando que a segregação entre espaços sagrados e profanos, parecem se "dissolver".

Resenha recebida em 13 de janeiro de 2018 e aprovada em 01 de março de 2018.

[*] Mestranda em Ciências da Religião no PPCR da PUC Minas. Bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa Religião e Cultura. País de origem: Brasil. E-mail: adv.claudia@yahoo.com.br

[1] Fernanda Lemos é Doutora e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Professora adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Integra o Conselho Diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião – ANPTECRE.

A obra é composta por 05 capítulos: I) Religião e modernidade; II) Culto no trem como expressão da religiosidade contemporânea; III) Relações entre o trabalho secular e religioso nos pentecostalismos; IV) Aspectos motivacionais para a participação cúltica; e V) Aspectos socioantropológicos do processo de institucionalização do culto no trem.

No capítulo primeiro, *Religião e modernidade*, a autora discute as principais características da relação entre religião e modernidade, bem como as relações modernas. Para fins de compreensão da "atual modernidade" (nomenclatura adotada pela autora para tratar da contemporaneidade) as concepções de Giddens (2002) "tardia" e Bauman (2001) "líquida" são adotadas a fim de ressaltar a ideia de movimento e mutação sociocultural. Com essas categorias, seria possível destacar na atual modernidade sua capacidade de combinar a tradição e o moderno, o religioso e o secular (p.18). Citando Peter Berger, a autora considera que o futuro da religião será modelado pelas forças da secularização, pluralização e subjetivação. Assim, as mudanças observadas no contexto religioso são correspondentes às transformações socioculturais ocorridas na história da humanidade. Nesse percurso, a autora expõe dados de sua pesquisa de campo e avalia a religião como sendo de interesse do sujeito e das instituições, afinal, "a religião exerceria um poder determinante sobre os sujeitos" (p. 30).

No capitulo segundo, O *culto no trem como expressão da religiosidade contemporânea*, a autora pondera que a religiosidade contemporânea deve ser considerada a partir dos processos sociais gerados pela modernidade. Tal constatação é examinada no fenômeno religioso observado nos vagões de trem da CTPM. Para tanto, afirma que "a religião determina e é determinada pela cultura e período histórico em que está inserida." (p. 53). Esse pressuposto revela novas experiências sociorreligiosas. Por isso, na atual modernidade, a religião poder ser um recurso cultural do sujeito, e não apenas uma instituição. Sendo assim, os

cultos realizados no trem seriam um fenômeno de característica moderna. Dentre os dados de campo apresentados no capítulo II, destacamos a predominância do perfil socioeconômico dos sujeitos da CEI: homens 62%; a participação de mulheres aumentou ao longo dos anos, também em decorrência do ingresso no mercado de trabalho e, por conseguinte, da utilização do trem; casados 68%; cor declarada branca 54%, embora a autora considere como pardos (p. 64); idade 31 a 49 anos; residência própria 62%; região de origem Nordeste 39%; de 2-3 filhos 46%; escolaridade 1º grau incompleto 38%. A maioria questionada e entrevistada considera a CEI como uma igreja e explicam que a reunião diária gera comunhão. A partir dessas constatações, a autora considera que a religiosidade no trem transforma aquele "não-lugar-sagrado" em um "espaço cúltico", trazendo consigo características contemporâneas de "não-lugares", que se tornam "sagrados". Destarte, considera a CEI como "um movimento característico da modernidade, que resgata elementos da tradição pentecostal para se legitimar, com estrutura organizacional definida." (p. 78).

No terceiro capítulo terceiro, *Relações entre o trabalho secular e religioso nos pentecostalismos,* a abordagem foca a relação entre trabalho religioso (religião) e trabalho secular. Trata, além disso, das reestruturações nas relações sociais e de sexo, que refletiram na divisão social e sexual do trabalho religioso e secular. O trabalho religioso nos trens seria voluntário e "por amor à obra de Deus". O trabalho secular traria retorno financeiro e favoreceria a participação na CEI. Nesse ponto da análise, a autora faz considerações sobre a migração e os indicadores de gênero nos cultos da CEI; e pondera que "o mundo do trabalho é dividido pelo corpo em que está inscrito o gênero" (p. 103).

O capitulo quarto, *Aspectos motivacionais para a participação cúltica*, pergunta pelas motivações, pelas quais os participantes da CEI se dispõem a exercer trabalhos religiosos nos trens, além de seus trabalhos seculares, dos trabalhos religiosos nas igrejas a que são afiliados e, no caso feminino, dos trabalhos domésticos. Destaca-se que, excetuando os trabalhos seculares, os

demais não geram remuneração financeira. Conforme a análise da autora, o trabalho secular é identificado como o maior motivo para o uso dos trens e, por conseguinte, o acesso aos cultos da CEI. No entanto, o empoderamento é apontado pela autora como um motivador para a participação nos cultos da CEI. Os participantes "exerceriam atuação pública no trabalho religioso do culto no trem", incluindo oração, leitura da bíblia, ministração, etc. (p.119). Dessa observação, conclui que "a religião não é de competência exclusiva das instituições, é apropriada pelo sujeito, para atender às necessidades individuais e coletivas" (p.128).

No quinto e último capítulo - *Aspectos socioantropológicos do processo de institucionalização do culto no trem,* temos a análise dos aspectos identificados ao longo dos quatro capítulos anteriores, os quais buscaram apontar a relação entre religião e modernidade, a partir da análise do culto no trem. O culto no trem (CEI) é definido pela autora como um movimento evangélico que mantém a mesma lógica organizacional do movimento pentecostal. Além disso, considera que o culto revela uma relação entre trabalho secular e trabalho religioso. Por isso, pode gerar motivações diversas nos participantes, dentre os quais, como sugerido pela autora, o empoderamento daqueles "desempoderados" socialmente. Apesar de não se designar como igreja, a autora assevera que o processo de institucionalização tem se apresentado de forma diferente no decorrer dos 30 anos de existência da CEI, no sentido de "movimento pentecostal evangelístico autônomo em relação às igrejas pentecostais tradicionais" (p. 149).

De importância para os estudos de Ciências da Religião, a obra apresenta um pentecostalismo ajustado à "modernidade religiosa". Afinal, trata-se de um culto no trem de São Paulo, que "manifesta um campo religioso secularizado, desencantado e destradicionalizado, atributo da atual configuração social".